Princípios Fundamentais da História (*)

ABNER C. L. DE VASCONCELOS

A Romênia, criação latina encrustada nas regiões eslavas dos balcans, parece, à prímeira vista, um país de civilização ainda retardada e, conseqüentemente, de cultura que nada tem para admirar ou atrair.

Entretanto, êsse juízo apressado e essa suposição errônea desaparecem quando se entra no conhecimento da vida interna da referida nação, apreciando-lhe a evolução, a inteligência do seu povo, o seu desenvolvimento político, os lances heróicos da sua história, as conquistas dos seus esforços culturais.

A raça eslava que lhe entra na constituição biológica, deve ter acentuado as qualidades intelectuais que carecterizam a raça latina. Daí, talvez, o destaque da letras romenas. A sua literatura é rica e os seus escritores gozam de grande prestígio. No ramo do Direito, basta salientar que é freqüente os autores francêses enriquecerem as suas bibliografias com festejados nomes de juristas romenos, divulgando-lhes as obras e as idéias.

Às vezes, o pensamento científico romeno avantaja-se à velha cultura francêsa e alemã.

Com êstes rápidos conceitos, quero apenas fixar a atenção no setor das investigações históricas, referindo o valor de um grande espírito que traçou, para essa ordem de conhecimento, rumos novos que o erigiram à altura de criador de uma construção original.

Fazendo a recepção ao monumental livro de Xenopol, intitulado TEORIA DA HISTÓRIA, Gabriel Monod, historiador e membro do Instituto de França, fê-lo nos seguintes e eloqüentes termos, na **Revue Historique** vol. XXIV, pág. 345 :

«Nosso colaborador A. D. Xenopol não cessou, desde a publicação dos seus PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA

(*) Comunicação feita no Instituto na sessão de 5 de Maio de 1944.

HISTÓRIA, de seguir com extremo cuidado os numerosos trabalhos aparecidos na Alemanha e na França, acêrca da sociologia, filosofia da história e método histórico, e ao mesmo tempo os trabalhos relativos à filosofia das ciências físicas e naturais. Submeteu seu livro a uma revisão completa e agora no-lo oferece com o título de TEORIA DA HISTÓRIA, que corresponde perfeitamente ao seu conteúdo. Parece-nos ser hoje a obra mais completa a respeito do assunto. Pensamos que o autor fixou mui sòlidamente as idéias que são fundamentais a seus olhos: a história é um dos pontos dos quais se podem considerar todos os fenômenos da natureza, que cabe estudar em sua repetição e sua coexistência, ou melhor, em sua sucessão; os dois pontos de vista são igualmente científicos, por que o método aplicado ao estudo dos fenômenos de sucessão é diferente do que se aplica aos fenômenos de repetição; diferentes também são os resultados a que se chega: na ciência formulam-se leis; em história, estabelecem-se simplesmente relações de causa e efeito; é um êrro dos sociólogos crer que se podem estabelecer leis que permitam prever o futuro; a história só se ocupa do passado; nele distingue fatores constantantes: raça, caracteres nacionais, continuídade intelectual, herança, imitação e fatores variáveis: a energia evolutiva que depois de haver exercido primeiramente sua ação sôbre a matéria, segue exercendo-a hoje sôbre o espírito e assegura o avanço do progresso moral e intelectual. A causalidade se nos apresenta na história em forma de séries de fatos que podem ser examinados à parte, porém cuja dependência mútua tem de conseguir determinar a si mesmo. A êstes pontos gerais, cuja legitimidade Xenopol assenta com abundância e agudeza de provas verdadeiramente admirável, acrescenta uma multidão de considerações necessárias quanto aos fatores auxiliares da evolução, quanto ao inconciente na história, às relações da sociologia e da história, às razões que permitem lograr maior certeza na determinação dos fatos gerais do que na dos particulares, à limitação e à insuficiência da teoria conhecida com o nome de materialismo histórico, finalmente quanto ao mérito em história e aos êrros de que tem sido causa. A obra de Xenopol não é menos interessante e sugestiva pelas críticas que faz aos teoristas da história e da sociologia, do que pròpriamente por seus pontos de vista. Tem imenso conteúdo e acrescenta a um espírito muito compreensivo uma qualidade de polemista que torna muito atraente a leitura de seu livro.

A Universidade de Paris teve a fortuna de ouvir dos lábios de Xenopol dez lições consagradas à exposição das

idéias contidas na sua obra. Fê-lo com talento ante um auditório numeroso e atento, reunido no anfiteatro de Michelet. Sabia-se já que Xenopol manejava com facilidade a lingua francesa trabalhando com a pena. Podemo-nos convencer de que era também capaz de a falar de um modo preciso e incisivo com freqüência pinturesca e espiritual, e que se o timbre de sua voz é um pouco apagado, a elocução é às vezes demasiado precipitada, a clareza da dicção impede que os ouvintes percam uma só de suas palavras. Xenopol tratou também na Academia de Ciências Morais e Políticas, da qual é sócio correspondente, da influência da França na Romênia na época atual e os pormenores relativos ao descuido francês em não se aproveitar da situação que ainda conserva naquele pais surpreenderam muito aos ouvintes. Xenopol acaba de ser convidado a dar várias lições no Colégio de França sôbre o estado atual da Romênia. Não esquece essa nação os livros que Michelet e Quinet consagraram aos gloriosos episódios e aos heróis de suas lutas pela independência e a França não esquece tão pouco os laços que a unem à sua irmã latina das margens do Danúbio e o carinho de que os romenos têm dado prova em todos os tempos.»

Foi assim que o acadêmico do Instituto de França se manifestou a respeito da obra de Xenopol, tão pouco conhecida entre nós e de que pretendo dar, não uma simples noção das suas idéias mestras, inovadoras no domínio da história, mas a íntegra dos seus estudos, em doses fragmentadas, à proporção que os meu labores permitirem.

Escrevendo o prólogo de sua obra, em que delineia o o plano de sua construção doutrinária, dando um sentido novo à ordem dos conhecimentas da história, Xenopol rasgou horizontes que delumbram:

«Não quisemos fazer uma filosofia da história ao escrever êste livro, pois não visámos interpretá-la de um ponto de vista qualquer. Nosso trabalho tem um fim inteiramente distinto daquele que oferece uma explicação dos fatos realizados pelo gênero humano. Só queremos estudar e determinar os princípios em que se baseia o conhecimento do passado, demonstrar o caráter perfeitamente científico dêsse conhecimento e defender a história dos ataques de que é objeto por todos os lados. Em uma palavra, tratámos de formular **a teoria da história.**

«Com efeito, na exposição do passado humano há que distinguir a prática da teoria, distinção que também se verifica na esfera das artes, por exemplo, relativamente à arquitetura e à música, e, na esfera econômica, relativamente

à agricultura. Êsses ramos da atividade humana apresentam um lado prático, naquele que dá origem a seus produtos, e um lado teórico, que compreende os princípios em que se baseam. O mesmo ocorre com a história. A prática dessa disciplina consiste na exposição do passado, tal como resulta dos fatos observados; a teoria examinará os fundamentos dêsse conhecimento. O historiadores que têm escrito sôbre o passado dos povos fazem história pràticamente, aplicando de uma maneira inconsciente os princípios em que se baseam as suas investigações. Agem à maneira dos lavradores que cultivam a terra por longos séculos guiados pela experiência, sem se dar conta das verdades científicas em que se baseia a exploração do solo. Não diferem dos arquitetos, que também hão levantado durante séculos edifícios perfeitamente em harmonia com as leis do equilíbrio, sem que teòricamente as conheçam, nem dos músicos, que aplicaram as regras da harmonia muito antes de serem determinados os seus princípios científicos.

«Com o tempo, as luzes da ciência vieram ilustrar as atividades práticas. O mesmo sucede com a história. Sòmente em nossos dias começou-se a investigar, com maior seriedade, os princípios em que apoia o conhecimento do passado, assim como a formular-se uma teoria da história.

«E não obstante, cousa que parecerá extranho à primeira vista, não foram os historiadores os que se preocuparam com essa nova disciplina. Por que, como observa **Gervinus**: «O historiador, como o artista, não gosta de reflexionar sôbre a sua maneira de proceder; e não obstante, em nossos tempos, procura-se naturalmente dar-se conta daquilo que se procura, não se podendo um instante ter dúvida em reconhecer que se não chega a produzir algo de notável em arte ou em ciência sem tratar de aprender como procedem». Êsse descuido causa muito prejuízo aos progressos do história. Os mais ilustres historiadores práticos deixam de atender ao assunto procurado em seus estudos. Não queremos outro exemplo que o do célebre Ranke, que, nos cinqüenta volumes de sua história pragmática, primou por diversas vezes em caracterizar a ocupação a que dedicava seus esforços. Jamais, entretanto, poderá esclarecer a concepção que se formava da história, o fim que acreditava atingir, o que tratava de determinar, e assim o reconhece um dos seus mais dedicados discípulos, Ottokar Lorenz. «Cumpre admitir como certo, disse êste, que Ranke buscava, nos fenômenos da vida histórica, algo semelhante às concepções filosóficas a respeito da história. Expressa-o freqüentemente e quase sempre com as mes-

mas palavras: direção generalizadora, encadeamento do todo, conteúdo espiritual dos fenômenos históricos, desenvolvimento geral objetivo, ação das idéias, diferença entre a ciência da história universal e a dos períodos especiais. Quem não se recorda de haver deparado milhares de vezes com essas expressões ou outras semelhantes nas obras de Ranke? Pelo que elas querem dizer, é matéria por ser ainda estudada, por que não é nada fácil penetrar seu verdadeiro pensamento». O mesmo sucede com todos os demais historiadores. A falta de princípios que dirijam seus estudos causa os mais graves danos à ciência. Os terrenos que devera cultivar vêem-se freqüentemente abandonados; inúmeras questões que deveriam ser-lhe indiferentes são estudadas, exigindo muito trabalho que poderia ser mais proveitoso se aplicado de modo diferente.

Várias vozes se hão elevado para deplorar essa situação anárquica em que se encontra a história. Droysen, depois de haver reconhecido que não se poderia pôr em dúvida que os estudos históricos têm figurado no movimento intelectual de nossa época, acrescenta que, se se quer salientar seus títulos científicos, sua relação com as demais esferas do conhecimento humano e se os interrogamos a respeito dos fundamentos dos seus processos, quanto ao fim a que visam, — não se encontram ainda em condições de fazer contestação formal. Apesar de tôda a seriedade e esfôrço que alguns dos nossos colegas têm empregado nos seus estudos, **nossa ciência não fixou todavia sua teoria e seu sistema**, e, de momento, contentamo-nos em proclamar que não é só uma ciência, senão também uma arte, e que se escusa de julgar segundo a opinião geral, ser mais uma arte do que uma ciência. Ottokar Lorenz afirma assim mesmo que não possuímos hoje, nem princípios fundamentais, nem direção reconhecida em história, e Bernheim, que em uma de suas obras se ocupa especialmente do método histórico, vê-se obrigado a reconhecer que «ainda quando nenhuma outra ciência goza do favor que tem a história, — não há, em nossos dias, cousa curiosa, outra em que as opiniões, quanto à sua essência e ao seu objetivo, sejam tão diferentes a respeito do assunto. Podemos certamente sustentar, disse o eminente filólogo Hermann Paul, que, até o presente, os métodos utilizados pela investigação histórica têm-no sido mais pelo instinto do que pela reflexão, a respeito da natureza íntima dos fenômenos.

Isso tem dado lugar a que a história tenha visto seu método, seu fim e seus princípios formulados por outros pensadores de atividades científicas diferentes, principalmente pelos filósofos e pelos naturalistas. Assim nasceu a idéia, abso-

lutamente falsa, de aplicar à história os princípios de investigação utilizados pelas ciências naturais. E historiadores, que não examinaram o assunto, apressaram-se em adotar êsse método. Daí resultaram teorias históricas que são completamente inaplicáveis e, se fossem postas em prática, reduziam a nada a ciência do passado.

É êsse o triste estado em que se encontra na atualidade a ciência teórica da história. Já é tempo de renovar a questão e de estudá-la em si mesma, sem se desvairar, nem pelos princípios filosóficos, nem, sobretudo, pelos triunfos das ciências naturais que crêem deter todo o domínio da verdade.

Ainda quando convenhamos com essa concepção que da ciência do passado têm quase todos os que hão tratado do assunto antes de nós outros, suas opiniões foram tomadas em consideração, já para serem refutadas, já para serem adotadas no que parecem verdadeiras. No momento atual não é possível pensar isoladamente. O trabalho científico adquiriu caráter coletivo e o descobrimento da verdade já não está reservado a umas tantas naturezas privilegiadas, por que é produto do esfôrço de numerosos sábios que, todos a um tempo, se ajudam mùtuamente, contribuindo para fazê-la brilhar aos olhos da humanidade. A ciência, por assim dizer, se há democratizado, da mesma forma que os outros aspectos da vida. Já não se pode obter das verdades mais do que elas contêm, baseando-se sòmente em suas próprias investigações. É preciso conhecer o que hão pensado e descoberto os investigadores de cada ramo dos conhecimentos humanos. Porém a acumulação de todos êsses estudos torna dificílimo, senão impossível, o conhecimento completo de tudo quanto se há escrito sôbre cada matéria. Diga-se o que se quiser, pode sempre ocorrer que se desconheça uma idéia que outro autor haja explorado. E, não obstante, essa idéia poderia ter ilustrado grandemente o assunto versado. O investigador de hoje verse-á colocado entre Sila e Caríbdes. Correrá o risco de permanecer incompleto e não alcançar plenamente o fim a que se propunha — o descobrimento da verdade, ou de sucumbir sob o pêso excessivo dos conhecimentos que o tempo haja reunido. Êsse perigo pode arrastar também o que trate de estudar uma matéria que se acha em formação, porque, ainda nesse caso, o campo de ação que o pensamento humano há trabalhado é já muito extenso.

Acrescentamos ao que escrevemos anteriormente, que nosso estudo trata de inspirar-se nas grandes fontes do pensamento, relativas à teoria da história, nos autores franceses

e alemães, por que o que nos surpreende é o exclusivismo nacional, tão fora dos seus devidos limites e que leva os alemães a considerar o menos possível o pensamento francês, e vice-versa, os francêses ao pensamento alemão. Não pertencendo a nenhum dêsses dois grandes povos, podemos evitar êsse escolho, contribuindo para enriquecer, ilustrar e afirmar nossas próprias idéias, as dos pensadores das duas nações que mais têm concorrido para a formação da ciência da história.

Nesta nova edição, as idéias fundamentais do livro são as mesmas que, inicialmente, saíram das profundezas do subconciente. Porém a exposição foi modificada em muitos pontos, para torná-la mais clara e completa. Foi ainda enriquecida com o estudo do que de mais importante se tem escrito a respeito da teoria da história.

Nosso livro tende em geral a provar que a história é uma ciência em tôda a accepção da palavra, possuindo os elementos gerais de um sistema de verdades classificáveis; que não pode formular mais que as leis abstratas de manifestações de fôrças que concorrem para a sua formação, porém nunca leis de manifestação dos fenômenos mesmos, que seriam possíveis, como nas ciências dos fatos de repetição; prever e predizer o que está oculto no seio do futuro; que as leis abstratas da sucessão não dão origem mais que a séries de fenômenos ou sucessos, sempre únicos e característicos.

Para determinar essas grandes verdades foi preciso buscá-las em outras, de sorte que nossa obra contém todo um sistema de princípios relativos à ciência da história. Pensamos haver conseguido dar uma base inquebrantável à teoria desta ciência, que, em suma, não é mais do que um dos modos de concepção do mundo, o modo sucessivo em face ao de repetição.»

Tais são as idéias justificativas de Xenopol quanto à Teoria da História, na qual estão desenvolvidos os capítulos: — **Repetição e sucessão universais; Dupla forma da causalidade; Caráter científico da história; Opiniões errôneas a respeito do objeto da história; Fatores constantes da história; A evolução da história; Os auxiliares da evolução; O inconsciente na história; As leis da evolução; O material da história; As séries históricas; A concepção da história;** e **Do método na história.**

Tal é a moderna economia da doutrina dos princípios fundamentais da história, de Xenopol, que pretendo desenvolver, parceladamente, sempre que me fôr possível e o Instituto permitir, em futuras sessões. Quero simplesmente trazer para o nosso ambiente de estudos o reflexo luminoso de um dos

mais eruditos especialistas dos assuntos históricos e que os elevou à categoria de ciência, com as suas leis, seu método e sua doutrina.

Penso que, dessa forma, terei chamado um pouco a atenção dos meus distintos consócios para uma interessante investigação, que muito condiz com os objetivos das nossas cogitações culturais.

Por enquanto, fico nessas idéias preliminares, deixando entrever o panorama sugestivo esboçado por um cérebro rico de ciência, de descortino filosófico e sociológico, através da mais brilhante e equilibrada imaginação.